



A cristologia dos demônios

Valtair Afonso Miranda

Faculdade Luterana de Teologia

Dezembro de 2000

A CRISTOLOGIA DOS DEMÔNIOS

Valtair Afonso Miranda*

INTRODUÇÃO

*"Um só demônio conhece mais das coisas celestiais e amada agora conhece mais as da terra do que todos os homens juntos."*¹ Essa deve ter sido a impressão dos cristãos que leram, a quase dois mil anos, as narrativas dos encontros de Jesus com os endemoninhados, que, não podendo deixar de falar, expressaram um conhecimento de Jesus maior do que os homens do seu próprio contexto.

Enquanto caminhava pelas estradas da Palestina, há dois mil anos, poucos sabiam quem Jesus de fato era. Certa vez ele perguntou aos seus discípulos o conceito que o povo tinha dele (Mt 16.13s), e a resposta foi espantosa. Cada pessoa dizia uma coisa diferente de Jesus, e ninguém, evidentemente, estava correto. Uns pensavam ser ele João Batista, outros Elias, outros Jeremias ou até mesmo um profeta redivivo. Nessa mesma ocasião, os discípulos, tendo Pedro como porta-voz, verbalizaram a opinião de que Jesus era o Cristo, o Filho do Deus vivo. Essa era a resposta certa.

Na cronologia dos evangelistas, entretanto, bem antes dos discípulos, outros seres já haviam emitido um conceito similar sobre Jesus. Eram os demônios, através das cordas vocais dos endemoninhados. Isso acontecia geralmente quando Jesus se encontrava com pessoas endemoninhadas. As frases que eles emitiam deixavam escapar a cristologia dos demônios, ou como os demônios viam Jesus.

Qual seria a importância de se descobrir o que um demônio pensa sobre Jesus? A resposta está no próprio contexto eclesial da atualidade. Existe um medo exacerbado dos seres espirituais. Não é um temor responsável, mas um medo irracional que paralisa obras, que provoca histeria coletiva, que produz efeitos emocionais graves. O que se percebe

* Valtair Afonso Miranda, doutorando em teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, é professor de Novo Testamento no referido seminário, no Rio de Janeiro, RJ.

¹ S. Francisco *apud* Boff, C. *Teoria do Método Teológico*, p. 193 (Petrópolis: Vozes, 1998, 758p.).

é que quanto mais se teme os demônios, mais se diminui a pessoa de Jesus. Jesus é soberano, e sua soberania se estende a todos os seres, celestiais ou não! Esta deve ser a conclusão das linhas que se seguem.

É claro que a leitura que se faz desses encontros tem suas dificuldades próprias. Alguém poderia argumentar, baseado na crítica dos evangelhos, que os diálogos dos demônios com Jesus são fruto da teologia do evangelista. Aquelas frases não poderiam ser autênticas, pois foram criadas pelos redatores dos Evangelhos e inseridas na boca dos endemoninhados para alimentar a fé das primitivas comunidades.² Reconhece-se a força dos argumentos críticos, mas queremos ignorá-los por um momento. Isso será feito para dar ao texto a oportunidade de ser lido como os evangelistas desejavam que fossem. Agindo dessa forma, o que as frases dos demônios vão demonstrar é a soberania incontestável de Jesus Cristo sobre estes seres celestiais. Soberania essa que pode ser também demonstrada com facilidade pela leitura das epístolas (Cl 1.13s e Ef 1.20s). As declarações dos endemoninhados eram prova, para seus leitores originais, que Cristo tinha autoridade sobre os demônios, não por poderes ocultos, como chegaram a pensar alguns judeus incrédulos (cf. Mc 3.20s), mas por ser o próprio Filho de Deus.

As perguntas que os críticos levantam devem ser deixadas de lado por um momento para que o criticismo ou o ceticismo³ não obscureçam a mensagem desses encontros. Os demônios não tremem apenas diante de Deus (Tg 2.19). Tremem também diante de Jesus, o Filho de Deus.

OS ANTECEDENTES DA DEMONOLOGIA DOS EVANGELHOS

Quando se fala em antecedentes de textos do Novo Testamento, certamente a impressão imediata é pensar em um conjunto definido de obras que os autores usaram para construir seus argumentos teológicos.

² Kümmel, W. G. *Síntese teológica do Novo Testamento*, p. 83 (São Leopoldo: Sinodal, 1983, 379 p.).

³ Alguns autores encaram os textos que descrevem demônios como produto de um contexto ultrapassado e mitológico. Cf. Bultmann, R. *Novo Testamento e mitologia*. in *Crer e compreender: artigos selecionados*, p. 16. (São Leopoldo: Sinodal, 1987, 253 p.); Haag, H. *El Diablo, su existencia como problema*, p. 423s. (Barcelona: Editorial Herder, 1978, 446 p.).

Algo parecido com o que se faz hoje. Entretanto, não acontecia assim entre os primeiros escritores cristãos. O que alimentava sua fé era toda uma tradição religiosa, formada pelos textos reconhecidos pela maioria dos judeus (o nosso Antigo Testamento), os textos lidos e não reconhecidos por todos (os apócrifos e os pseudepígrafos) e as tradições orais. Um grande exemplo disso é a própria demonologia dos judeus do tempo de Jesus, que é devedora a muito do que é encontrado nos documentos não-canônicos do judaísmo tardio (300 a.C.-100 d.C.). Para conhecer o que pensava um contemporâneo de Jesus ou dos apóstolos, sempre será útil uma leitura das obras não canônicas como: *Baruque*, *Siraque*, *1 Enoque*, *Vida de Adão e Eva*, *o Testamento dos Doze Patriarcas*, *os Documentos de Qumram*, etc.

É claro que os textos autorizados eram a maior autoridade em qualquer assunto. Por isso, nossa verificação de antecedentes começa com o Antigo Testamento (mesmo que seletiva e não exaustiva). Nota-se, logo a princípio, que os livros vétero-testamentários não apresentam uma cosmologia única. Os conceitos de *demônio* e *anjo* estão em constante transformação, aparecendo em lugares diferentes de formas diferentes. Nos textos mais antigos, os principais conceitos cosmológicos estão ligados à idolatria (Cf. Moloc, que aparece em Lv 18.21; 20.2-5; 1Rs 11.7; 2Rs 23.10 e Jr 32.35). Naquele contexto henoteísta os escritores do Antigo Testamento entendiam ser Javé, o Deus Altíssimo, superior aos deuses menores dos outros povos, os ídolos. Cada povo tinha uma divindade oficial. Quando um indivíduo mudava de país geralmente mudava de deus também (cf. Rt 1.15-17). Quando um país vencia o outro na guerra, era o deus desse país que vencia o deus do outro (Is 36.1-22; Jr 32.35; Lv 18.21; Lv 20.2).

O povo entendia que esses deuses-ídolos poderiam ser bons ou maus. Isso significava que era possível agradá-los, o que acabou gerando a prática da adoração a postes e a estelas (Dt 16.21; Jz 3.7; 6.25-30; 1Rs 15.13; 16.33; 18.19; 2Rs 13.6; 17.16; 18.4; 21.3-7; 23.4-15). A idolatria não significava que eles estavam abandonando de fato a Javé. Eles simplesmente queriam agradecer os ídolos, e dessa forma conseguir algum favor, ou talvez evitar algum infortúnio. Em alguns momentos, entretanto, chegaram a afirmar que o culto idólatra era mais vantajoso que o próprio culto Javista (Jr 44.17).

Os autores posteriores vão mudar essa cosmologia. Todos os ídolos ou deuses menores vão ser definidos apenas como seres celestiais inferiores, podendo ser anjo ou demônio. Somente Javé deveria ser visto

como Deus. Um texto de Deuteronômio é muito significativo para descrever essa transição, enquanto afirma que ao sacrificar a ídolos, era a demônios que agradavam (Dt 32.17): “*Sacrificios ofereceram aos demônios (שָׂדִיִּים), não a Deus (אֱלֹהֵי); a deuses (אֱלֹהִים) que não conheceram, novos deuses (אֱלֹהִים) que vieram há pouco, dos quais não se estremeceram seus pais.*” Os deuses menores viraram definitivamente demônios ou anjos. Paulo, quando escreveu aos Coríntios, vai citar essa idéia de uma forma ainda mais clara:

“*Antes, digo que as coisas que eles sacrificam, é a demônios que as sacrificam e não a Deus; e eu não quero que vos torneis associados aos demônios.*” (1Co 10.20)

Um texto complexo, mas que parece fazer referência a um demônio, é Lv 16.1s, que descreve o Rito da Expição. Nesse ritual, um bode deveria ser sacrificado para Deus, e o outro, o de Azazel (אֲזַזֵּל), seria enviado vivo ao deserto. Como Azazel possivelmente era o nome de um demônio habitante das estepes desérticas,⁴ apresenta-se um outro dado sobre a cosmologia desse período: ela tinha uma relação direta com a geografia ou com a cronologia (fases do dia, da noite, etc.). Assim, como havia o demônio do deserto, havia também o demônio do mar, o demônio do ar, o demônio da tempestade, o demônio da noite, o demônio do dia, etc.⁵

É nesse contexto que se entende as referências a demônio (Lv 17.7, שָׂדִיִּים), Lilith (Is 34.14, לִילִית)⁶, febre consumidora (Dt 32.24, רָשָׁף)⁷ animais selvagens (Is 13.21, Jr 50.39, צִיִּים), flagelo (Hb 3.5, דָּבָר).⁸ Pode-

⁴ Para Haag: “A contraposição ‘para Javé’ e ‘para Azazel’ sugere que Azazel é, pelo menos, um nome pessoal, se não é um nome de um deus” (Cf. Haag, H. *Op. cit.*, p. 110).

⁵ Datler, F. *O mistério de Satanás: Diabo e inferno na Bíblia e na literatura universal*. p. 13s. (São Paulo: Paulinas, 1977, 189 p.).

⁶ Traduzido como fantasma, Lilyth era um demônio acádico. Cf. Gaster, T. H. *apud* Terra, J. E. M. *Existe o Diabo? Respondem os teólogos*, p. 22 (São Paulo: Loyola, 1975, 185p.).

⁷ Traduzido como febre, Reshep era uma divindade cananéia, deus da praga e da peste. Cf. Gaster, T. H. *apud* Terra, J. E. M. *op. cit.* p. 22.

⁸ Traduzido como peste, Deber era um demônio que caminhava ao lado de Javé, junto com Reshep. Cf. Gaster, T. H. *apud* Terra, J. E. M. *op. cit.* p. 22. Cf. também a obra de Datler (Datler, F. *op. cit.*) para uma relação maior desses exemplos.

se mencionar ainda Deuteronômio 28.22 (as sete pragas de Deus), Jó 5.23 (o senhor do Deserto) e Salmos 91.5-6 (os perigos que acontecem pelo caminho).

São possíveis nomes de demônios, conhecidos da literatura dos outros povos, que entraram no Antigo Testamento.⁹ É curioso que, nas passagens onde aparecem, esses termos quase que perderam toda a carga de sentido pessoal, a ponto das versões bíblicas (como a Versão Revista e Atualizada de Almeida) os traduzirem por substantivos comuns. Os tradutores entenderam que os autores bíblicos não mais estavam se referindo aos seres celestiais que os vocábulos queriam evocar, mas a fenômenos e objetos naturais.¹⁰

É um processo que poderia ser chamado de despersonalização — atribuir ao natural o que antes era encarado como sobrenatural.¹¹ O leitor original entenderia a seguinte mensagem: aqueles demônios não existiam de verdade, eram apenas objeto da fantasia popular. O povo de Deus não deveria temer um demônio que só existia na imaginação dos outros povos.

Uma característica comum a todos os seres celestiais que apareceram no Antigo Testamento é a inteira dependência de Deus. Nenhum ser celestial tinha liberdade. Todos os seus atos eram controlados pelo Deus Altíssimo. Os ídolos ou deuses, e depois os anjos ou demônios, todos tinham sua origem em Deus. Até mesmo as ações más dos anjos eram ações do próprio Deus. Não havia muita distinção entre a ação de um anjo e a ação divina (cf. a ação do *anjo de Javé*, mencionada como a ação do próprio Javé em Jz 6.11-40).

Assim, os membros da corte celestial de Deus eram seres que matabam e destruíam (Ex 12.23; Is 37.36; Jr 15.8), provocavam a mentira e a confusão (Is 19.14), ou amaldiçoavam (Dt 28.22; Dt 34.24; Dt 32.17). Fenômenos ruins diversos também poderiam vir de Deus através de algum ser celestial (Jz 9.23; 1Sm 16.14s; 1Sm 18.10; 1Sm 19.9; 2Sm 24.15-17; 1Rs 12.15; 1Rs 22.18; 2Rs 19.35-37; Ex 10.1; Is 6.10).

Da mesma maneira pode ser entendida a ação de *Satanás* no Antigo Testamento. As palavras derivadas do termo hebraico *Satã* (שטן), apareceram 33 vezes em 18 versos do texto hebraico (Nm 22.22,32; 1Sm

⁹ Gaster, T. H. *apud* Terra, J. E. M. *op. cit.* p. 22s.

¹⁰ Gaster, T. H. *apud* Terra, J. E. M. *op. cit.* p. 22.

¹¹ Cf. Terra, J. E. M. *op. cit.* pp. 81, 237; Macdowell, J. A. A. A. *in* J. E. M. Terra (org.) *Anjos e demônios na Bíblia*, p. 142 (São Paulo: Loyola, 1981, 169p.).

29.4; 2Sm 19.22; 1Rs 5.4; 11.14,23,25; 1Cr 21.1; Jó 1.6,7,8,9,12; 2.1,2,3,4,6,7; Sl 38.20; 71.13; 109.4,6,20,29; Zc 3.1,2), sempre com o sentido de *oposição, obstrução ou adversário*. A maior parte delas é simplesmente traduzida pelo substantivo *adversário* ou pelo verbo *opor*, mas em quatro lugares, especialmente, o termo parece estar se referindo a um ser celestial pessoal: Números 22.22,32; Zacarias 3.1-2; Jó 1.6s; 2.1s; 1 Crônicas 21.1s.

Principalmente nas três primeiras ocorrências (Números, Zacarias e Jó), Satã apareceu como um funcionário celestial, que agiu como um promotor de justiça em oposição ao homem. Assim, o Anjo do Senhor que impediu Balaão de prosseguir disse que foi enviado como um *Satã*, enquanto em Zacarias e Jó a função regular de *Satã* era provar e acusar os homens diante de Deus. Nesses textos, Satã parece ser mais uma função do que um nome próprio.¹²

Por causa do paralelo que apresenta com 1 Samuel 24.1, o texto de 1 Crônicas 21.1 é ainda mais importante. Enquanto no primeiro texto é o próprio Deus que inspirou Davi a realizar o censo que provocou uma grande desgraça em Israel, em Crônicas, é Satã que ocasionou o censo. Destaca-se que o termo Satã em Crônicas apareceu de forma indefinida, sem a presença de artigo, podendo ser traduzido simplesmente como *um satã*.¹³ Assim, Satã (ou qualquer outra criatura celestial) não era independente de Deus. Era mais um instrumento do que um rival do próprio Deus.¹⁴ Satã praticava o mal com a permissão do próprio Deus.¹⁵ Longe de ser um antagonista de Deus, era seu subordinado.¹⁶

¹² Bright, J. *História de Israel*, p. 614 (São Paulo: Paulinas, 1978. 688 p.); Haag, H. *op. cit.* p. 157, 160.

¹³ Gaster, T. H. *apud* Terra, J. E. M. *op. cit.* p. 37.

¹⁴ Gaster, T. H. *apud* Terra, J. E. M. *op. cit.* p. 38.

¹⁵ Pagels, E. *As origens de Satanás: um estudo sobre o poder que as forças irracionais exercem na sociedade moderna*, p. 66s (Rio de Janeiro: Ediouro, 1996, 272 p.).

¹⁶ Gaster, T. H. *apud* Terra, J. E. M. *op. cit.* p. 37; Marranzini, A. in J. E. M. Terra (org.) *Anjos e demônios na Bíblia*. p. 104.

As obras não-canônicas judaicas vão continuar as transformações que os conceitos demonológicos sofreram no Antigo Testamento. Talvez fruto da cosmologia persa, os conceitos vão assumindo contornos cada vez mais dualistas, principalmente na literatura apocalíptica.¹⁷

Pode-se definir a apocalíptica como "um grande e vigoroso movimento cultural, autenticamente judaico pelo seu meio social e por sua inspiração e, muito particularmente, por vários de seus traços."¹⁸ Esse movimento entendia os conflitos do seu tempo como a emergência de uma luta cósmica entre Deus e as potências do mal.¹⁹ Na verdade era quase como um jogo dualista²⁰ onde Deus, junto com os seus filhos, lutava contra o mal e seus seguidores (os filhos do mal), sendo que no final, os primeiros seriam vitoriosos.²¹ A principal característica desse movimento cultural foi o dualismo apocalíptico (Antiga Era e Nova Era) e a esperança escatológica (a fé na intervenção de Deus).

O judeu daquele período acreditava estar vivendo numa era basicamente má que seria invadida de forma súbita pelo Messias, que iria implantar o Reino de Deus e a conseqüente Era Porvir.²² Com essa inauguração a Velha Era (Era de Satanás), caracterizada pelo pecado, enfermidade, demônios e o triunfo do mal, seria substituída pela Nova Era (Domínio de Deus e do Messias), caracterizada pela presença do Espírito, justiça, saúde, paz. Tudo girava em torno da inauguração do Reino Messiânico de Deus, ou do fim dos tempos. Esse fim dos tempos seria então o início de uma nova era para os justos.²³

¹⁷ Russell, B. J. *O Diabo: as percepções do mal da Antiguidade ao cristianismo primitivo*, p. 70 (Rio de Janeiro: Campus, 1977, 286 p.); Tassin, C. *O judaísmo do exílio ao tempo de Jesus*, p. 52 (São Paulo: Paulinas, 1988, 71 p.); Kee, H. C. *As origens cristãs em perspectiva sociológica*, p. 32; Dana, H. E. *O mundo do Novo Testamento*, p. 17, 4ª ed. (Rio de Janeiro: JUERP, 1990, 215 p.); Datler, F. *op. cit.* p. 51.

¹⁸ Paul, A. *O que é intertestamento*, p. 64 (São Paulo: Paulinas, 1975, 93 p.).

¹⁹ Tassin, C. *op. cit.* p. 56.

²⁰ Tassin, C. *op. cit.* p. 56.

²¹ Tassin, C. *op. cit.* p. 57; cf. Paul, A. *op. cit.* p. 67.

²² Vos, G. *The Pauline Eschatology*, p. 38 (Grand Rapids: Baker Book House, reimp., 1979, 374 p.).

²³ Conferir uma exposição da estrutura escatológica do judaísmo do primeiro século em Vos, G. *op. cit.* pp. 1-41.

Assim se descreve a Era Nova em 2 Enoque 65.5-7:

Quando as criações visíveis e invisíveis, tais como o Senhor as criou, acabarem e cada homem for para o grande julgamento, e os tempos perecerem e os anos, por isso mesmo, não mais existirem, e nem mais os meses, os dias, as horas, pois que ficarão todos juntos e não poderão ser contados. Haverá um *eon*, e todos os juntos que escaparem do grande julgamento do Senhor serão unidos em um grande *eon*, pois para os justos o grande *eon* começará, e viverão eternamente, e entre eles não haverá trabalho braçal, doença, humilhação, ansiedade, necessidade, violência, noite, trevas, mas sim a grande luz. E eles terão uma grande e indestrutível muralha, e um brilhante e incorruptível paraíso, pois que todas as coisas corruptíveis passarão e haverá vida eterna.

No movimento apocalíptico, os anjos assumiram uma postura mediadora muito mais elevada do que a encontrada nos escritos do AT:

Os anjos são mensageiros divinos que se movimentam sem cessar entre o céu e a terra, entre Deus e as respostas de Deus aos homens – carteiros celestes que agem com prontidão, como aliás é dever de carteiros celestes! Às vezes, porém, se atrasam sem nenhuma culpa própria, como no caso de Gabriel que, em resposta à prece de Daniel, foi retido nada menos que por três semanas (Dn 10,12s), tendo sido parado no caminho, como se nos diz, pelo anjo da guarda da Pérsia, mas resgatado de seus apertos por Miguel o anjo da guarda de Israel.²⁴

Essa ênfase exagerada nos anjos encontrou contrapartida no papel dos seres celestiais malignos (1 Enoque 6-19, 64.1s, 69.4s, 86.1-6, 106, 13-17; Jubileus 4. 15, 5.1-8, 10.4s; 2 Baruc 56.12-15), gerando o mencionado dualismo:

É verdade, como depois ficará mais claro, que, ao se debater

²⁴ Russell, D. S. *Desvelamento divino*, p. 109, 143 (São Paulo: Paulinas, 1997, 196 p.).

com o problema do mal no mundo, a apocalíptica adota uma teodicéia que envolve a crença em forças cósmicas demoníacas que usurpam o poder e a autoridade de Deus; mas essa crença jamais oferece motivo para negar a crença fundamental em um só Deus que fez o céu e a terra e que fará um dia uma nova criação. Estes escritores esforçam-se, com efeito, para deixar bastante claro que foi Deus o criador que fez no começo 'todos os espíritos para lhe servir' (Jubileus 2.2), e este mesmo Deus será no fim seu juiz. Eles são do começo ao fim seus subalternos, inteiramente sujeitos à sua vontade, incapazes de agir sem sua permissão. Pode ser dualismo, mas é dualismo que evita toda invasão do campo de poder soberano do único Deus verdadeiro.²⁵

De modo semelhante, os documentos de Qumran, produzidos por contemporâneos de Jesus, descreviam Deus como o criador tanto dos anjos da luz quanto dos anjos das trevas (1QS 3.20-25). Estes, cada um com seu príncipe, estavam em luta. Os anjos das trevas também eram chamados de anjos de destruição (1QS 4.12; CD-A 2.6). Foram anjos que caíram (CD-A 2.18), sendo controlados por Belial (1QM 1.15), mas seriam destruídos no combate final entre as hordas da luz e as hordas das trevas (1QM 11.8).

OS DIÁLOGOS DOS DEMÔNIOS COM JESUS

Destacou-se, de todas as narrativas de exorcismo de Jesus, apenas aquelas que narram alguma espécie de palavra saindo dos endemoninhados. A primeira passagem narra o encontro de Jesus com o endemoninhado gadareno (Mt 8.28-34; Mc 5.1-20; Lc 8.26-36). Mateus aponta essas frases dos demônios (versículos 30 e 32):

E eis que gritaram: Que temos nós contigo, ó Filho de Deus! Vieste aqui atormentar-nos antes de tempo? [...] Então, os demônios lhe rogavam: Se nos expeles, manda-nos para a manada de porcos. Marcos assim as descreve: (versos 6-12): "Quando, de longe, viu Jesus, correu e o adorou,

²⁵ Russell, D. S. *Op. cit.*, p. 141-142.

nos? Bem sei quem és: o Santo de Deus! Mas Jesus o repreendeu, dizendo: Cala-te e sai desse homem. Esta é a versão de Lucas (Lc 4.34-35): Ah! Que temos nós contigo, Jesus Nazareno? Vieste para perder-nos? Bem sei quem és: o Santo de Deus! Mas Jesus o repreendeu, dizendo: Cala-te e sai deste homem. O demônio, depois de o ter lançado por terra no meio de todos, saiu dele sem lhe fazer mal.

Os demônios, dessa vez, chamam Jesus pelo nome e complemento geográfico: “Jesus de Nazaré.” E surpreendem o leitor com a ousada declaração: “sei quem tu és” (οἶδά σε τίς εἶ). A pergunta que logo surge é: Como seria a natureza desse conhecimento? Que espécie de conhecimento possuíam de Jesus a ponto de chamá-lo de o “Santo de Deus”?

A forma direta e intuitiva como reconheceram Jesus aponta para uma elevada cristologia, maior que a dos homens. Eles sabem mais de Cristo que qualquer expositor de teologia. Entretanto, esse conhecimento neles é inativo. É um conhecimento que não os move, a não ser para longe de Cristo. É um conhecimento que produz medo e temor, em vez de louvor e adoração. É isso que faz Tiago denominar o conhecimento sem prática, sem compromisso, puramente teórico, de saber demoníaco, uma sabedoria terrena, animal e diabólica (Tg 3.15).

Lucas resumiu tudo o que saía dos endemoninhados em Lc 4.41: *Também de muitos saíam demônios, gritando e dizendo: Tu és o Filho de Deus! Ele, porém, os repreendia para que não falassem, pois sabiam ser ele o Cristo.* Essa passagem possibilita fazer uma leitura inversa, e pensar sobre o conhecimento que Jesus tinha dos demônios. Desse texto podemos extrair que Jesus sabia que os demônios sabiam quem ele era. Isso indica que o mesmo conhecimento que os demônios tinham dele ele tinha dos mesmos. Jesus tinha um conhecimento dos demônios que nenhum ser humano chegou a ter, a ponto de saber por antecipação do conhecimento deles. É um conhecimento intuitivo e direto sem a necessidade de aprendizagem ou experiência.²⁷

Jesus não negou em nenhum momento as afirmações que saíam através das vozes dos endemoninhados. Em vez disso, apenas ordenou que eles não continuassem falando, mandando-os silenciar sobre as declarações que eles teimavam em gritar. Essa atitude de Jesus talvez fosse uma precaução baseada na divergência entre sua visão messiânica e a visão messiânica dos seus contemporâneos. Jesus já demonstrara saber que era de fato o Messias, mas não o Messias que o povo esperava. O

²⁷ Uma demonstração de onisciência pode ser extraída desses episódios.

Reino que trouxera não era o Reino que os fariseus, saduceus, herodianos, essênios ou qualquer outro judeu ansiava por ver. O silêncio que ele ordenou aos demônios também foi solicitado dos que foram curados por ele (Mc 1.44). Com isso Jesus evitava trazer sobre si um conceito por demais politizado (nenhum contemporâneo de Jesus imaginava que o Messias devia sofrer). Jesus não rejeitou o termo quando este lhe foi atribuído, somente o evitou, por precaução.²⁸

De forma resumida, então, pode-se verificar que os demônios, através das palavras desesperadas dos endemoninhados, registradas pelos evangelistas, viam Jesus como o *Filho do Deus Altíssimo* e o *Santo de Deus*.

O Filho de Deus

O uso da expressão *Filho de Deus*²⁹ para denominar Jesus impressiona o leitor que percebe que nem Jesus usualmente usou essa nomenclatura para falar de si mesmo. Ele chegou a se chamar Filho, e principalmente Filho do Homem (seu termo preferido), mas não há registros nos Evangelhos de uma só referência de Jesus se denominando *Filho de Deus*.

Isso leva alguns autores, como Kümmel, a classificar essas passagens de secundárias, e com pouca probabilidade de terem acontecido de verdade. Seriam construções do evangelista expressando a teologia das comunidades cristãs posteriores. Para Kümmel, a paternidade de Deus é um tema secundário de Jesus, fruto do cristianismo posterior.³⁰ Apesar de Jeremias já apontar inúmeros antecedentes indicadores da autenticidade desse tema em Jesus³¹, é Ladd que se destaca por enumerá-los. Segundo ele, o título Filho de Deus, é achado no Antigo Testamento e noutros documentos religiosos, recebendo diversas conotações.³²

²⁸ Cf. sobre o segredo messiânico Ladd, G. E. *Teologia do Novo Testamento*, pp. 160-161 (Rio de Janeiro: JUERP, 2ª ed., 1993, 584 p.).

²⁹ Schneemelcher, W. in Kittel, G. (ed.) *Theological Dictionary of the New Testament*. v. VIII. pp. 363-397 (Grand Rapids: Eerdmans).

³⁰ Kümmel, W. G. *op. cit.* p. 83.

³¹ Jeremias, J. *A mensagem central do Novo Testamento*, p. 35 (São Paulo: Paulinas, 1977, 149p.).

³² Ladd, G. E. *Op. cit.*, pp. 153s.

No Antigo Testamento, a expressão aparece com frequência no plural (filhos de Deus) podendo se referir ora ao povo de Israel (Os 1.10) ora à corte celestial, nesse caso, aos anjos (Jó 1.6; 2.1). Apesar de descrever uma certa relação especial com Deus, o termo não denotava nenhuma ligação de parentesco ou aparência, apenas de apostolado ou proteção. Assim, raramente se referia a um indivíduo especial. Exceção se faz a alguns salmos que se referem ao rei, principalmente aos reis davídicos, como Filhos de Deus (Sl 2 e 89) Cf. 2 Samuel 7.14: "*Eu lhe serei por pai, e ele me será por filho; se vier a transgredir, castigá-lo-ei com varas de homens e com açoites de filhos de homens.*"

A expressão Filho numa referência ao Messias apareceu em 1 Enoque 105.2: "*Pois eu e meu filho estaremos para sempre junto deles, ao longo da sua vida, nos caminhos da verdade. Vós tereis a paz. Alegrai-vos, ó filhos da Verdade! Amém!*" O Apocalipse de Baruque (Ap Bar 70.9) tem uma expressão paralela, denominando o Messias de meu Servo: "Quem então puder encontrar salvação, e a tudo isso escapar, seja vencedor ou vencido, cairá nas mãos do meu Servo, o Messias. A terra toda devorará os que nela habitam."

Percebe-se que a expressão Filho de Deus para se referir ao Messias tem algum tipo de antecedente, mas é rara. E é isso que surpreende ainda mais, já que essa foi a expressão favorita dos demônios ao se dirigir a Jesus. O que vai definir, então, que nos contextos dessas narrativas a expressão vai apontar para uma filiação sobrenatural. Jesus é Filho de Deus de forma que ninguém poderia ser. Deus é o Pai de Jesus, de um modo que não pode ser de nenhum outro homem.

As outras obras do Novo Testamento indicam que Jesus é o Filho de Deus porque participa da própria natureza divina (Jo 3.16; Ro 8.3). Assim diz o autor de Hebreus: "*Tendo, pois, a Jesus, o Filho de Deus, como grande sumo sacerdote que penetrou os céus, conservemos firmes a nossa confissão.*" (Hb 4.14).

Aquilo que os demônios reconheceram assim que viram Jesus, os discípulos, bem como todos os cristãos, vão reconhecer mais tarde. A certeza de que Cristo é o Filho de Deus tornou-se, então, essencial para a fé dos cristãos. O título *Filho de Deus* passou a ser o preferido da cristandade.

O Santo de Deus

A expressão *Santo de Deus* (ο ἅγιος τοῦ Θεοῦ) não é comum no

Novo Testamento para se referir a Cristo.³³ Ninguém chamou ou denominou o messias com esse termo, nem as comunidades cristãs primitivas o usavam para Jesus. É uma maneira toda peculiar de se referir a Deus no Antigo Testamento. Isaías se refere a Deus assim em Is 40.25:

“A quem, pois, me comparareis para que eu lhe seja igual? - diz o Santo.” E também em Is 57.15: *“Porque assim diz o Alto, o Sublime, que habita a eternidade, o qual tem o nome de Santo: Habito no alto e santo lugar, mas habito também com o contrito e abatido de espírito, para vivificar o espírito dos abatidos e vivificar o coração dos contritos.”*

O uso singular dessa expressão para referir-se a Jesus demonstra, mais uma vez, que os demônios reconheceram em Jesus uma pessoa sobrenatural, na verdade o seu próprio Criador. A Epístola aos Colossenses traz a declaração de que os demônios foram criados por Cristo, para Cristo, em Cristo, através de Cristo e sob Cristo:

“Pois, nele [em Cristo] foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e para ele.”

Todas as coisas que existem, quer celestiais ou não, se enquadram dentro desta relação com Cristo: nele, para ele, através dele, com ele, depois dele. Os seres celestiais definitivamente estão descritos nessas relações, e justamente por causa delas, Cristo é o seu cabeça: *“Também, nele, estais aperfeiçoados. Ele é o cabeça de todo principado e potestade.”* (Cl 2.10). Em outras palavras Cristo é o agente da criação desses seres e a única razão de suas existências. Eles só têm vida por que Cristo o permite. Assim, numa tentativa de especulação, o que aconteceu nas planícies da palestina é a descrição do espanto e susto dos demônios, ao ver diante de seus olhos o seu próprio criador.

³³ Cf. Prosksch, O. in Kittel, G. (ed.) *Theological Dictionary of the New Testament*. v. I. pp. 101s (Grand Rapids: Eerdmans).

CONCLUSÃO

Concluimos esse artigo trazendo à memória o objetivo destas linhas: fortalecer a fé.

Os demônios tremiam de medo ao deparar-se com Jesus. Não podiam se defrontar com o Filho de Deus, com seu próprio Criador. Diante dele só lhes restava gritar e clamar por misericórdia.

O conhecimento que os demônios tinham de Jesus demonstra que o Nazareno era realmente quem dizia ser, ou melhor, quem evitava dizer que era, mas que a comunidade cristã prontamente reconheceu. Jesus era o Messias anunciado pelos profetas.

Jesus, o Filho de Deus, esteve entre os homens. A intervenção de Deus na história, tão aguardada, aconteceu. O Reino foi inaugurado, suas portas estão abertas e o convite está sendo feito. Quem for convidado e aceitar o convite do Rei, poderá participar do grande banquete da salvação (Mt 22.1-14; Lc 14.15-24).

Jesus, porém, não veio lutar com demônios. Nunca precisou brigar com os seres celestiais. Pelo contrário, eram eles que naturalmente se rendiam aos seus pés. Jesus não estava numa guerra cosmológica, onde o Diabo era o seu inimigo em igualdade de poderes.

Jesus demonstrou ser Senhor dos demônios. Os demônios demonstraram estar debaixo de Jesus, tendo até mesmo seu lugar na economia divina.

É isso que percebeu Paulo e tão claramente o expressa na descrição aos Coríntios de sua viagem espiritual. 2 Coríntios 12.7-9 afirma:

“E, para que não me ensoberbecesse com a grandeza das revelações, foi-me posto um espinho na carne, mensageiro de Satanás, para me esbofetear, a fim de que não me exalte. Por causa disto, três vezes pedi ao Senhor que o afastasse de mim. Então, ele me disse: A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza. De boa vontade, pois, mais me gloriarei nas fraquezas, para que sobre mim repouse o poder de Cristo.”

O espinho que Deus deu a Paulo para mantê-lo humilde era um ἄγγελος Σατανᾶ, ou seja, um anjo satânico, um mensageiro satânico. A palavra σκόλοψ (espinho) só aparece aqui em todo o Novo Testamento,

apesar de aparecer na LXX em quatro lugares: Números 33.55;³⁴ Sabedoria 43.19;³⁵ Oséias 2.6;³⁶ Ezequiel 28.24.³⁷ Nesses lugares é usada para denotar algo que frustra ou causa problemas na vida das pessoas. Esse problema ou frustração na vida de Paulo era um mensageiro de Satanás. O grande destaque, no entanto, é para a forma como Satanás serviu aos propósitos divinos. Aqui ele está sendo usado para manter Paulo bem equilibrado, como o jovem imoral de 1 Coríntios seria salvo ao ser entregue a Satanás, ou Jó cresceu em sabedoria e fé depois da tentação satânica.

Independente da identificação do que seria esse espinho concretamente (uma doença, os judeus, as adversidades, ou qualquer outro problema pessoal), ele foi um mensageiro satânico que acabou fazendo o bem a Paulo, dando-lhe equilíbrio espiritual, impedindo-o de encher-se de vaidade. A ordem seria essa, o espinho, Satanás por trás do espinho, e Deus por trás de Satanás. O espantoso é que Paulo pediu insistentemente para afastar o espinho, tendo seu pedido negado por Deus (*a minha graça te basta*). Satanás já havia sido o empecilho não-transposto do ministério em Tessalônica. Em todos esses casos Satanás estava sendo usado por Deus para fazer alguma coisa. Naquele caso (tessalônica), a frustração fez com que Paulo visitasse Beréia, Atenas e Corinto. Aqui, a dor do espinho manteve-o humilde.

A demonologia popular é sombria, amedrontadora, esotérica e mítica. A demonologia bíblica é sóbria e realista. Deus é o único Rei. Jesus, seu Filho, é soberano. Se essa mensagem for resgata dos textos analisados nesse artigo, novamente os demônios vão estar servindo aos propósitos divinos.

³⁴ “Porém, se não desaposardes de diante de vós os moradores da terra, então, os que deixardes ficar ser-vos-ão como espinhos nos vossos olhos e como agulhões nas vossas ilhargas e vos perturbarão na terra em que habitardes.”

³⁵ “Como o sal, ele ainda derrama sobre a terra a geada, a qual congelando, torna-se pontas de espinhos.”

³⁶ “Portanto, eis que cercarei o seu caminho com espinhos; e levantarei um muro contra ela, para que ela não ache as suas veredas.”

³⁷ “Para a casa de Israel já não haverá espinho que a pique, nem abrolho que cause dor, entre todos os vizinhos que a tratam com desprezo; e saberão que eu sou o SENHOR Deus.”